

## LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO – Maio/2008 – Vol. III

### “O SHOW DE TRUMAN”: DISCURSO, REALIDADE E EQUÍVOCO.

Alessandra Ribeiro FARIA  
(Orientadora): Profa. Dra. Suzy Lagazzi

**RESUMO:** Na análise discursiva do filme “O Show de Truman” (1998) discute-se as concepções de ‘realidade *versus* ficção/ simulação’, ‘verdade *versus* ilusão’ e ‘vida’ trabalhando-se o conceito de equívoco. Enfoca-se, na relação do equívoco, a substantivação de objetos simbólicos e o funcionamento desse processo gramatical no enredo do filme.

**Palavras-Chave:** análise do discurso, discurso, equívoco, realidade/ficção.

### Introdução

A Análise do Discurso trabalha o sujeito, a história e a língua e se constitui no entremeio da Lingüística (afirmando que a língua não é transparente), da Psicanálise (o sujeito está exposto à cadeia significante) e do Marxismo (“o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente”), como diz Eni P. Orlandi (2006). Sendo assim, dentro da perspectiva da Análise do Discurso vê-se que a linguagem (e os discursos) é constituída por relações sócio-históricas e lingüísticas e que, por isso, não é transparente – logo, uma palavra, uma expressão não possui um sentido uno, um significado único, mas pode produzir diferentes interpretações dependendo das condições de produção dos discursos.

É importante ressaltar que a linguagem e os discursos são equívocos. Essa noção de ‘equívoco’ não traz o sentido de “erro” ou qualquer caráter pejorativo/negativo. Como a linguagem não é transparente, as palavras, expressões, enfim, os discursos, possibilitam interpretações a partir de diferentes posições-sujeito, o que configura o equívoco.

No filme “O Show de Truman” encontramos equívocos que, ao serem analisados, podem ser compreendidos como funcionamentos discursivos distintos. Esses equívocos são equívocos no filme, visto que se relacionam com o enredo e os discursos nele realizados.

A questão dos nomes, no filme, é muito interessante. Encaminharemos esta análise enfocando o nome da personagem principal – Truman –, uma fala do discurso do produtor-criador do reality show (personagem do filme) e o substantivo ‘exit’ presente na cena final.

Tendo essas explicações, podemos então compreender melhor o que este trabalho analisará: equívocos presentes em “O Show de Truman”, que colocam

em questão o sentido de ‘realidade’. O filme de ficção, de forma cômica e dramática ao mesmo tempo, retrata a relação equívoca entre ficção e realidade, entre vida e verdade. O equívoco é estruturante do filme: seu enredo é um jogo entre simulação *versus* realidade, efeitos que sustentam a produção de sentidos nessa trama.

“O Show de Truman” é o nome não apenas do filme, como do *reality show* mostrado nele, do qual a personagem principal – Truman – faz parte. Conta-se a história de Truman, a primeira pessoa adotada por uma instituição. Desde a barriga da mãe foi filmado e depois criado no maior *set* construído no mundo e visível no Espaço. Sua vida é monitorada 24 horas por dia e ele é assistido por telespectadores que seguem o *reality show*. Entretanto, a personagem não sabe que é observada e, sequer, que toda sua vida foi e é controlada: planejaram quem seria seu amigo de infância, sua esposa, seu trabalho e até mesmo a roupa que veste e a comida que come – cada mínimo detalhe.

Como se não bastasse, tudo que o cerca foi criado especialmente para ele: o *set*, o jornal, a ilha na qual vive, a rádio do carro, a lua, o sol, controle climático e muitos outros detalhes, como as 5 mil câmeras que o vigiam; e tudo isso também é controlado e planejado. Mas ao mesmo tempo, não estão lá só para ele: tudo que se vê no programa está à venda, das roupas e produtos alimentícios às casas e móveis.

Sendo assim, o filme mostra uma vida cercada por um mundo planejado e controlado e, portanto, que existe dentro de uma realidade criada e simulada do que seria uma ‘vida normal’. Tendo percebido isto, pode-se afirmar que a palavra exata para tentar definir o que Truman vive não seria ‘ficção’. A vida de Truman, por ele não ter conhecimento desse controle e planejamento em volta da sua vida, pode ser chamada, portanto, de uma realidade simulada da qual fazem parte atores e figurantes, cenários, situações planejadas e controladas em cada mínimo detalhe que se possa imaginar – mas sem *scripts*, como dirá Christof.

Christof é o produtor, diretor, dono da corporação, criador do programa de televisão e responsável pela vida de Truman. Ele é quem planeja o que acontece com Truman e, além disso, foi ele quem o adotou. Por exemplo, ele foi quem decidiu que o casamento de Truman iria acabar e que outra mulher apareceria. O filme, então, nos faz questionar e analisar muitas coisas nele levantadas sobre a realidade simulada, a verdade, o controle e a vida. Analisaremos três fatos apresentados no filme e que mostram essas questões: o nome próprio de Truman, a fala “é uma vida” como sendo “é uma realidade/verdade” de Christof e o “exit” na porta de saída do *set* e que se abre para a escuridão.

Truman nunca percebeu o controle, o planejamento e nem que estava sendo observado. Desde que nasceu nunca percebeu alguns detalhes estranhos que aconteciam a sua volta, como, por exemplo, nunca ter dado certo de ele viajar

para Fiji (um sonho que tinha). Para que Truman não saísse da ilha na qual o set foi construído, ele foi submetido a uma farsa da morte de seu pai em alto mar, o que o traumatizou. Ele passou, então, a ter medo do mar, de barcos, de pontes etc. Num dado momento do filme, seu pai consegue entrar no set e se disfarça; Truman o reconhece na rua, mas assim que diz “- Pai?”, figurantes arrastam seu pai para um ônibus e o levam embora. Esse fato permite que Truman se lembre do passado e, assim, ao chegar a sua casa e revirar um baú onde guarda coisas antigas e valiosas sentimentalmente para ele, acha o agasalho de Sylvia, a moça por quem se apaixonou quando jovem, mas que foi levada embora porque era apenas figurante (e não fazia parte do planejado). Ela lhe falou, na noite em que saíram escondidos para a praia, seu nome real, e contou que tudo ali era feito para ele e era falso.

A partir dessa recordação, ele começa a prestar mais atenção em certos detalhes. Por exemplo, no jornal, que um dia após ter reconhecido seu pai, traz uma notícia sobre “Não permitir mendigos em Seahaven” (Seahaven é nome da ilha). Vemos, portanto, uma grande relação com o controle sobre o “real”, sobre a “verdade”, sobre tudo que faz parte da ‘vida’ de Truman.

O filme retratará, então, desde essa não-percepção (e sequer desconfiança), até o momento no qual Truman começa a desconfiar, passando, depois, a ‘acumular’ evidências, até ter plena certeza, lutar contra o que controla sua vida e, por fim, - perdoem-me revelar o fim do filme – decidir deixar o *set*, pois conseguiu chegar a uma porta que ficava no limite deste. Para isso, Truman enfrenta seu medo: o mar.

## **Análise**

### **1. Truman: homem de verdade**

Os nomes dos personagens no filme tem intensa relação com suas respectivas personalidades e com o enredo. Sendo assim, trataremos o nome do principal, Truman, que é uma aglutinação no inglês das palavras “*true man*” (“*true*” = verdade; “*man*” = homem) que significa exatamente o que Truman é no programa de televisão: real, sinônimo de verdade, porque ele é o único que pode ser considerado ‘verdadeiro’ em relação à simulação que constitui o show.

Seu sobrenome “*Burbank*” também traz algo relevante: ao falarmos em inglês “Truman Burbank”, o ‘*man*’ do primeiro nome ao se juntar com ‘*bur*’ do segundo, realiza foneticamente o mesmo som e a mesma pronúncia da palavra “*member*”, que no português significa “membro” e juntando o nome temos: *true member* – o membro verdadeiro, a parte verdadeira. Podíamos também analisar o ‘*bank*’ como ‘banco’, uma instituição que se baseia em trocas de

dinheiro e no capitalismo, assim como no Show, em que tudo é objeto de venda e consumo. Teríamos então “Truman Burbank” como “O verdadeiro membro da instituição (capitalista)”, a única peça ‘verdadeira’. Há também ‘*burbank*’ como significando ‘*who lives on the castle’s hill*’, ‘aquele que vive na colina do castelo’, podendo relacionar o castelo com contos de fadas - relação com a irrealidade, mundo imaginário – ou Truman como sendo esse que vive cercado (encurralado, isolado – no *set*), com ‘na colina’ como sendo o que separa também o próprio castelo do que se passa em outros lugares.

O equívoco do nome Truman estaria então presente na sua formulação. Isso acontece porque esse nome é, na língua original do filme – o inglês –, ao mesmo tempo o nome próprio e um aposto da personagem. ‘Truman’, como nome próprio, pode ser interpretado como a forma como se nomeia a pessoa: João, José, Maria, Rosana etc. ‘Truman’, como aposto, funciona como uma expressão que caracteriza a pessoa a que se relaciona.

Observa-se primeiramente ‘Truman’ com sentido de nome próprio: quando usado seja como vocativo ou discurso indireto (citação etc.) se refere a uma pessoa específica nomeada Truman. Já ‘Truman’ visto como um aposto teria um efeito de sentido diferente: ao se referir à personagem principal, não se usa um nome próprio qualquer como João ou Maria, mas um nome próprio que ao mesmo tempo especifica esse alguém a quem se refere.

Assim, ao nomearem Truman estariam também qualificando-o. Por exemplo, se substituirmos ‘Truman’ por ‘homem verdadeiro’, teremos:

- a) “-Hey, Truman, o que você faz aqui?”
- b) “-Hey, homem verdadeiro, o que você faz aqui?”

Esse exemplo nos permite compreender melhor como esse equívoco funciona na língua original do filme, lembrando que no inglês não é preciso substituir o nome por seu significado, pois os dois coexistem no verbete ‘Truman’, que funciona como nome e aposto através da aglutinação significativa já relatada. O aposto também pode ser visto como adjetivo, pois qualifica a personagem (como sendo verdadeiro, real, de verdade). Todas essas interpretações acontecem ao mesmo tempo, visto que todas essas possíveis significações são produzidas pela utilização do verbete ‘Truman’.

O sentido de qualificação, adjetivação, especificação e caracterização da personagem principal se relaciona com todo o filme e seu enredo. Truman é quem faz com que o *reality show* seja um “Show de Realidade”, visto que ele é quem carrega a produção de ‘realidade’ – ele está vivendo tudo aquilo que o envolve e o controla como sendo ‘real’. Se dependesse apenas do *set*, dos atores, dos cenários e de tudo que compõe o programa, não seria um *reality show*, porque todos estão ali agindo de uma forma planejada, construindo a

‘realidade’. É ‘real’ apenas para Truman. Todas as pessoas envolvidas dentro do *set* ou na produção fazem parte do controle do ‘teatro’; o *show* representa o emprego deles, não a vida deles. E Truman é o objeto simbólico presente no programa que sustenta o ‘real’. Assim, o equívoco produzido pela formulação do seu nome sustenta esse efeito de sentido de que Truman é o ‘homem de verdade’ dentro do *show*.

O *reality show*, que se propõe a mostrar a ‘realidade’, como o próprio nome em inglês diz, fica em questão o tempo todo. Seria ‘a vida’ de Truman apenas simulação? Qual a separação entre simulação, realidade e ficção? Para ele, aquela realidade simulada era ‘o real’, mas não seria tudo aquilo que se chama de ‘realidade’, ‘vida’ e ‘verdade’ questionáveis? O próximo equívoco trabalhará essas questões.

## 2. “É uma vida”

Christof, produtor–diretor e criador do “Show de Truman”, vai defender, através da idéia de que Truman é real, que o Show de Truman também o seria, por consequência, afirmando: “- Nada é falso sobre Truman: não há *scripts*, não há efeitos especiais [...]: é uma vida”, diz ele. Essa relação que ele faz sobre Truman ser real produz um efeito de sentido no qual fica parecendo que, em decorrência disto, o Show também corresponde à realidade.

Vejamos: a negação ‘não há *scripts*’ relaciona-se com realidade, pelo fato de que quando há *scripts*, há algo preparado, ensaiado e planejado. Mas se tomarmos, por exemplo, uma frase como: ‘Isto não é feio’, estaríamos dizendo que é bonito? Não! Entretanto, na frase usada pelo diretor têm-se esse sentido: vê-se um efeito de causa e consequência (ter ou não ter *scripts*, com ser planejado e preparado ou não). A negativa permite esse efeito de sentido.

Em decorrência disso, essa fala de Christof é equívoca: “*é uma vida*”. A palavra ‘vida’ pode ser substituída por: “É uma realidade?”, “É uma realidade simulada?”, “É um objeto de consumo?”, “É uma verdade?”, “É um viver natural?”. O fato de Truman ser verdadeiro e não saber do planejamento/controlado que acontece em sua vida é relacionado, através das expressões “não há *scripts*, não há efeitos especiais”, com o Show de Truman como correspondência. O Show é a vida de Truman, mas essa vida não é controlada? Ele tem tudo planejado por outros e vive em um *set* onde tudo é uma simulação da realidade.

É interessante o que Christof diz ao ser questionado sobre porque Truman nunca descobriu a verdade sobre o mundo em que vive e nunca chegou perto de descobrir: “Nós aceitamos a realidade do mundo que nos é apresentado. É simples assim”. Mas ao questionarmos essa realidade, como Truman fez em

certo momento do filme, podemos ver o quanto a noção de ‘verdade’ é relativa. Ao se dizer “vida” tem-se a visão de que a palavra dará credibilidade ao fato de “não haver *scripts*, nem efeitos especiais, atores e todo um enredo inventado”, ou seja, de que o que o programa mostra é a realidade. Mas pelo desenrolar do filme, vemos o *reality show* como um objeto de consumo, uma história planejada, uma realidade simulada e controlada: nem o sol, nem o céu, nem o clima é verdadeiro – é tudo controlado!

A frase de Christof “é uma vida”, junto à afirmação de que não há *scripts*, causa um efeito de correspondência à realidade, de que é natural, real e espontâneo. Entretanto, vemos que há todo um set gigantesco construído, uma monitoração vasta e integral, um controle sobre o ambiente, um planejamento e uma manipulação dos acontecimentos, propagandas e objetos de consumo que circundam Truman. E, portanto, sua vida e a forma como vive acabam negando a afirmação de que por ser ‘uma vida’ é ‘uma realidade’, é algo natural, verdadeiro. O Show de Truman é um jogo de marketing, é um objeto de consumo na mídia e na televisão, é uma realidade controlada e simulada que prende o espectador à tela da tv.

Quando Truman consegue achar a saída do set, Christof tenta convencê-lo a ficar e Truman pergunta: “Nada foi real?” Ele responde: “Você é real [...]”. Tudo que o mundo que eu criei para você oferece você vai achar lá fora, só que aqui há segurança, aqui não há nada a que temer. Lá fora não há mais verdades do que aqui dentro, há as mesmas mentiras. Eu sei que você é melhor do que você sabe de si mesmo”. Truman responde “Você nunca teve uma câmera na minha mente, dentro da minha cabeça”. Assim, qual a verdade para Truman? O que se passava em sua mente? O que significava sua vida dentro do *set*? E fora do *set*?

Em relação a tudo isso, veremos, no próximo equívoco, a questão de serem as mesmas mentiras dentro do *set* e no mundo externo a ele. O equívoco estará na palavra “*exit*” na porta de saída do *set*. Será que são as mesmas mentiras? Que efeito de sentido se produz ao ouvir essa frase e ver o “*exit*” na última cena? Vejamos então, como todo o filme se relaciona com esse equívoco.

### 3. “Exit”: uma saída?

Após ter certeza de que estava sendo observado e controlado, Truman finge voltar ao normal e vai ao trabalho regularmente. Certo dia, ele realiza um plano que traçara: ele volta do trabalho, pega todo o lixo a ser colocado na rua, mas antes passa pelo porão; finge que tira uma soneca, coloca em seu lugar um boneco, deixa seu ‘ronco’ em um gravador e sai sem ser visto pela barreira

criada com todo o lixo que ia ser levado para fora. Sendo assim, ninguém da monitoração percebeu e Truman ganhou um bom tempo para fugir.

Ao notarem que ele não estava lá, o procuram inicialmente na casa e depois na ilha inteira. Não conseguindo encontrá-lo, o diretor ‘manda’ amanhecer através do controle climático e temporal, mesmo sendo madrugada. Continuam sem encontrar Truman, até que Christof pensa em procurá-lo no mar, já em última instância – visto que Truman foi traumatizado com tudo que se refere a esse lugar. E lá está ele, navegando. Christof manda produzirem uma tempestade para que Truman volte, mas isso não o impede. E depois de abaixar a tempestade Truman diz “- Isso é tudo que pode fazer?”. Irritado, Christof manda outra tempestade acima da linha máxima de perigo. E quando não o obedecem, dizendo que Truman poderia morrer ao vivo, ele mesmo muda o clima afirmando que “- Todos o viram nascer através das câmeras”. Quase matando Truman, ele desiste. Truman continua navegando, após recuperar forças e chega a uma parede com a qual o barco colide. Nesse momento, Truman chora, grita, espanca a parede e chega à prova mais concreta de que toda sua vida foi observada e controlada por outros que ele nem conhecia. Ele então anda por um plataforma até chegar a uma escada que o leva para uma porta na qual está escrito “*exit*” (que é saída, em inglês). Ele a abre e ela, por sua vez, se abre para a escuridão.

Vendo que Truman abrira a porta e estava prestes a sair do *set*, Christof diz que ele pode falar, que está ouvindo. Temos o seguinte diálogo, após Truman perguntar quem Christof é:

“- Eu sou o criador de um programa de televisão que dá esperança, alegria e inspiração a milhões.

- Então, quem sou eu?

- Você é a estrela do programa.

- Então nada foi real?

- VOCÊ foi real. É o que faz você ser algo tão bom de assistir.”

Truman vira as costas para sair, e Christof tentando convencê-lo a ficar diz:

“- Não há mais verdades lá fora que no mundo que eu criei para você. As mesmas mentiras, as mesmas ilusões... Mas no meu mundo, você não tem do que ter medo. Eu sei que você é melhor do que você conhece de si mesmo.

- Você nunca teve uma câmera na minha cabeça!”

Assim, Truman decide sair sim do *set*. Quando Christof fala “mesmas mentiras, mesmas verdades” podemos então ver o efeito de sentido relativo ao equívoco produzido pela palavra “*exit*”: a escuridão para qual se abre, a indeterminação. A relação com essa fala do produtor está em duvidar dessa comparação com a ‘realidade’ na qual Truman vivia e a ‘realidade’ para a qual

estava fugindo ao sair do *set*. A palavra “*exit*”, que significa saída em português, em inglês pode ser desmembrada em ‘*ex*’ + ‘*it*’, ou ‘*ex - it*’.

Nessa separação, há o prefixo ‘*ex*’, igualmente no português (como em ‘*ex-namorado*’, ‘*ex-marido*’, ou ainda em palavras como ‘*exílio*’ e ‘*externo*’, nas quais há um sentido de ‘fora’). “*It*” em inglês é correspondente ao “isto”/ “isso” no português, que é um pronome demonstrativo. Ou ainda, “*it*” pode significar “coisa”. Assim, podemos ver que se pensarmos no “isso” teremos um pronome que retoma algo já dito, já vivido, por exemplo, como no caso de Truman; e se pegarmos o “isto” teremos um apontamento de algo próximo, assim como aquele mundo sempre esteve perto de Truman. Se pensarmos em “*it*” como “coisa”, poderemos pensar nesse substantivo como sendo ‘algo qualquer’ ou ‘um objeto’ (não ser vivo).

Juntando os significados então implícitos da palavra no inglês, teríamos algo como “fora disto”, “*ex-isto*”, “não mais isso”, “não mais coisa”, “deixar de ser uma coisa/ um objeto” (como ‘*ex*’ sendo um prefixo de negação relacionado a algo passado) etc. No substantivo “saída” (“*exit*”) no inglês, portanto, temos essa materialidade na própria palavra; como sendo uma placa “saia disto”, “saída disso”, “deixe de ser um objeto” etc. Mas ao mesmo tempo que se tem essa ‘determinação’ devido a esse apontamento, temos a indeterminação: a escuridão, as dúvidas do que seria então a realidade não vivida ainda, não experimentada, para onde se vai e até mesmo de onde se está saindo.

A palavra “*exit*” é equívoca: Saída de onde? Disto. Mas o que é ‘isto’? Truman se encontra nessa confusão, visto que ele está entre o que vivia (e que descobrira ser um *show*, uma realidade controlada e simulada, uma vida planejada por outros) e o que vem a ser essa escuridão para a qual a porta se abre: a indeterminação do que seria ‘realmente’ a ‘realidade’. ‘As mesmas mentiras’ seriam as mesmas mesmo? Existe uma ‘realidade’ universal? “Exit” é o meio pelo qual se entra na indeterminação do que é realidade e do que não é, jogo que sustenta todo o filme. “Não mais isto”, mas o que será agora essa escuridão? A única coisa que se sabe é que não é mais o que era antes, é algo fora da realidade na qual se estava.

Ainda, neste ponto, podemos ver como “exit” relaciona-se com o fato de Truman ser um objeto de consumo, manipulado, controlado como um objeto mesmo, como uma coisa. E, portanto, “exit” pode produzir o efeito de indicação sobre “deixar de ser um objeto”, seja ele de consumo seja ele algo ‘sem vida própria’. Vimos que quando o diretor provoca a tempestade mais forte, as pessoas do monitoramento pedem para que ele pare, pois Truman poderia morrer ao vivo. Christof diz que ele nasceu ao vivo, de certa forma justificando que se ele morresse seria ‘a mesma coisa’. Ou seja, vemos Truman sendo tratado como um objeto mesmo, uma coisa.



Um outro ponto importante é que no discurso de Christof, ele tenta persuadir Truman comparando com o mundo externo o mundo que criara para ele, dizendo ser igual, mas no qual não havia o que temer, no qual Truman estaria seguro. Seguro dessa indeterminação que gera ‘medo’ não só em Truman, mas em todos ‘Trumans’: todos os homens/humanos verdadeiros. ‘Exit’ parece trazer uma independência, um livramento, mas ao mesmo tempo perguntas sem respostas. A escuridão representa isso visualmente como linguagem não-verbal no filme: a não clareza das coisas, do chão no qual se pisará, do caminho para o qual se está indo. Podemos até relacionar com a questão da luz o conhecimento e a escuridão. Portanto, ao desconhecido; ou ainda, a luz à razão e o escuro à não-racionalidade e às questões ainda não solucionadas pela razão – assim como a questão da ‘realidade’.

“Exit” seria a saída daquilo que controla e prende daquilo que nos impede de vivermos livremente ao invés de nos tratar como ‘objeto’/ ‘coisa’, o meio pelo qual se chega a uma liberdade indeterminada, porque não se sabe a que nova ‘realidade’ se está adentrando. Talvez, para Truman no enredo do filme, significasse ir para uma realidade sem *scripts* e sem atores também. “Exit”/saída traz essa noção de rompimento e abandono de algo que deixamos para trás.

O equívoco “exit” carrega essas interpretações, esses sentidos e efeitos de rompimento com a realidade, abandono de algo passado, saída para liberdade e independência, não mais ser controlado. Assim como também marca a questão de indeterminação para onde se vai.

## Conclusão

Todo o filme “O Show de Truman” permite uma vasta análise e relações entre cenas, fatos, discursos; e nele podem-se encontrar equívocos discursivos tanto através da linguagem verbal quanto das não-verbais que cercam o mundo construído em volta de Truman e que também permitem essas relações e produzem efeitos de sentido entre realidade e simulação, jogo discursivo estruturante e marcante do filme. Podemos ver, então, no filme, os três pontos com intensa relação: Discurso, Realidade e Equívoco.

Primeiramente, há a realização de discursos de controle relativos não só a Truman dentro do *set* quanto aos telespectadores. Truman é controlado pelos discursos que o cercam, as justificativas que o jornal dá para falhas que possam gerar dúvidas sobre a realidade simulada que o cerca. Para os telespectadores, o discurso novelístico que os prendem ao *show*; o discurso que os fazem consumidores não apenas do programa como dos produtos patrocinadores e dos objetos do *set* que são também produtos de consumo, bases que sustentam o programa e controlam o telespectador de forma publicitária e influenciadora.

Esses discursos são marcados por equívocos, funcionamento pelo qual se realiza o Show de Truman como jogo de efeitos de realidade e simulação. A questão da ‘realidade’ fica como ‘tema’ desses equívocos presentes nos discursos.

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BOLOGNINI, C.Z. (org). (2007). *Discurso e ensino: o cinema na escola*, Mercado de Letras, SP.
- ORLANDI, E. (2006). *Introdução a Análise do Discurso – princípios e procedimentos*, Ed. Pontes, SP.
- RODRIGUES, S.M.L. e ORLANDI, E. (2006). *Discurso e Textualidade*, Ed. Pontes, SP.